



# OLÍVIO DAS CONSCIÊNCIAS NA CERTEZA DA SALVAÇÃO: UMA PESQUISA SOBRE A DIMENSÃO POIMÊNICA DE “*DA VONTADE CATIVA*” (2ª parte)

Daniel Marlo Margarida<sup>1</sup>

## RESUMO

Trata-se de uma pesquisa acerca dos aspectos poimênicos e existenciais do clássico escrito protestante “Da Vontade Cativa”. Formula questões de relevância pessoal que são suscitadas pela leitura da obra, propondo-se a respondê-las. Situa o contexto histórico de seu surgimento por meio da análise de breves aspectos biográficos de Martinho Lutero e Erasmo de Rotterdam, bem como pela observação das questões envolvidas na controvérsia propriamente dita. Fornece o resumo da teologia de Lutero no período posterior e anterior à publicação da obra estudada, por meio da singela exposição de quatro outros escritos do mesmo autor. Atém-se minuciosamente na elaboração de uma síntese do conteúdo de toda “Da Vontade Cativa”, expondo-a de maneira organizada e em concordância com a dinâmica interna de suas afirmações centrais. Explica, de forma compreensível, as terminologias empregadas na discussão teológica, estabelecendo diálogo com as convicções de Erasmo nos devidos pontos discordantes. Investiga provas textuais que demonstram a presença do horizonte poimênico ao longo da argumentação bíblico-teológica. Conclui respondendo às perguntas iniciais por meio de uma interpretação poimênica baseada nos pressupostos e declarações da própria obra em questão, propondo uma mudança de paradigma na leitura desta, de forma que esta se torne significativa para a vida do cristão.

**Palavras-chave:** Poimênica, consolo, crise, consciência, livre-arbítrio, vontade cativa, eleição divina, pecado, antropologia da Reforma.

---

1 Daniel Marlo Margarida é bacharel em teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT. Ele é coordenador de grupos de apoio da *Cruz Azul no Brasil*. O presente artigo é a versão abreviada de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.  
E-mail: daniel.teol@gmail.com.

### ABSTRACT

*This research is about the poimencal and existential aspects of the written protestant classic “The Captive Will”. It formulates relevant personal questions that are generated by reading such work, also leading itself to answer them. The research points out the historical context of the development of this work through a brief biographical aspects analysis about Martinho Lutero and Erasmo de Rotterdam, as well as through observing the questions involved in the controversy itself. It offers a summary of the theology of Lutero as the posterior and previous period to the publication of the studied work through a simple exposition of four other works written by the same author. They are carefully tied to the elaboration of a synthesis of the whole content of “The Captive Will”, exposing it on an organized and according way to the internal dynamics of its central affirmations. It explains on an understandable way the terminologies used in the theological discussion, establishing a dialogue with the certainties of Erasmo at specific opposing aspects. It investigates textual proofs that demonstrate the presence of the poimencal horizon throughout the Biblical-theological argument. It is concluded by answering the initial questions through a poimencal interpretation based on presuppositions and declarations from the studied work, proposing a change of paradigm when reading it, on a way that it becomes relevant for the life of the Christian.*

**Keywords:** *poimenic, comfort, crisis, conscience, free-will, captive will, divine election, sin, antropology from Reformation.*

### 3.1 O LUTERO POIMÊNICO E A MUDANÇA DE PARADIGMA

Após a leitura de uma exposição do pensamento de Lutero contido em “Da Vontade Cativa”, surge a inevitável pergunta sobre a utilidade que essas afirmações poderão ter sobre aquele que tomou conhecimento dessa teologia.

Afinal, o que isso tem a ver conosco? Qual proveito todas essas constatações poderão ter para nossa vida de fé? Existe algo nas palavras de Martinho Lutero que as tornam significativas para o centro de nossa existência? Se a resposta for afirmativa, então o que

é propriamente esse “algo significativo” e, principalmente, por que isso se torna expressivo para nossas vidas?

É inegável que Lutero teve a dimensão poimênica presente em seu horizonte e que considerou certos aspectos da vida cristã ao escrever sua obra, tal como várias passagens encontradas nela o atestam. Aliás, conforme interpretação de outro autor:

“De Servo Arbítrio não é, de forma alguma, algum tipo de tratado dogmático. É, antes de mais nada, interpretação das Escrituras a serviço da cura d’almas e da correta orientação doutrinária e poimênica da comunidade cristã”.<sup>2</sup>

No contexto sobre a necessidade de se afirmar com clareza o assunto, Lutero afirma: “... o Espírito Santo lhes é dado dos céus para glorificar a Cristo e para que ele seja confessado até a morte... Que cristão toleraria que as asserções fossem desprezadas? Isso não seria outra coisa senão ter negado toda a religião e piedade de uma vez...”<sup>3</sup>

Posteriormente, começa a transparecer a preocupação principal do autor, ou seja, a certeza da salvação: “Com efeito, o que é mais deplorável do que a incerteza?”<sup>4</sup> “Ora, se elas não são necessárias e não são conhecidas com certeza, então não resta Deus, nem Cristo, nem Evangelho, nem fé, nem cousa alguma...”<sup>5</sup>

Nesse sentido, algumas passagens já descritas no segundo

---

2 SCHWAMBACH, Claus. *Evangelização no Horizonte da Vontade Cativa – Desafios da Antropologia da Reforma Protestante*, p. 8.

3 LUTERO, Martinho. “Da Vontade Cativa”. In: *Obras Seleccionadas*. Volume IV: Debates e Controvérsias, II. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1993, p. 21.

4 *Ibid.*, p. 22.

5 *Ibid.*, p. 27.

capítulo (bem como outras) devem ser ressaltadas: “Pois se duvidas ou desprezas o saber que Deus tudo pré-sabe..., como poderias crer em suas promessas, nelas confiar e te firmar com certeza? Quando ele promete, é preciso que estejas certo de que ele sabe, pode e quer dar o que promete”;<sup>6</sup> “Este, pois, é o único e supremo consolo dos cristãos em todas as adversidades: saber que Deus não mente...”<sup>7</sup> A própria vida cristã é mencionada de modo explícito no seguinte trecho:

“Pois se ignoro o que, até que ponto e quanto eu posso e faço em relação a Deus, de igual modo me será incerto e ignoto o que, até que ponto e quanto Deus pode e faz em mim... Entretanto, se ignoro as obras e a potência de Deus, ignoro o próprio Deus. Se ignoro a Deus, não posso venerar, louvar, agradecer e servir a Deus, pois não sei quanto devo atribuir a mim mesmo e quanto a Deus. Portanto, se queremos viver piedosamente...”<sup>8</sup>

Constata-se um pressuposto poimênico evidente que está relacionado à preocupação com a salvação das pessoas, pois “aqui, porém, há perigo para a salvação e engano extremamente prejudicial”,<sup>9</sup> uma vez que “nossa gente age insanamente num assunto sério que diz respeito à salvação eterna, para perdição de inúmeras almas”.<sup>10</sup>

De igual modo, enfatiza-se intensamente a necessidade de se levar consolo àqueles que se encontram angustiados por terem tido conhecimento de seu pecado:

“É em todos os sentidos uma palavra evangélica e um dulcíssimo consolo para os míseros pecadores a passagem em que Ezequiel diz: *‘Não quero*

---

6 Ibid., p. 33.

7 Ibid., p. 34.

8 Ibid., p. 29.

9 Ibid., p. 51.

10 Ibid., p. 74.

*a morte do pecador, mas, sim, que ele se converta e viva' [33.11]... E se não ficassem de pé aquelas promessas divinas por meio das quais se animam as consciências aflitas pela percepção do pecado e aterrorizadas pelo medo da morte e do juiz, que lugar haveria para o perdão ou a esperança? ... E [assim] anima e consola o pecador metido nessa aflição e nesse desespero, para não apagar a mecha que ainda fume e quebrar a cana rachada, mas para despertar a esperança de perdão e salvação, a fim de que o pecador se converta mais (a saber, convertendo-se da pena da morte para a salvação) e viva, isto é, se sintam bem e se alegrem com uma consciência segura".<sup>11</sup>*

Em concordância com o último parágrafo, ainda acrescenta que “a incerteza, porém, faz nascer a fé para que não desesperemos”.<sup>12</sup> Desse modo, consideramos errôneo concluir que Lutero apenas tenha promovido uma discussão bíblico-intelectual acerca da problemática, pois a piedade pessoal foi ponderada em “Da Vontade Cativa”:

“Pois nosso Deus não é somente um Deus das coisas temporais, e, sim, de todas as coisas. Tampouco quer ser Deus para ti ou ser adorado com meio ombro ou com pé claudicante, mas com todas as forças e de todo coração, de maneira que seja Deus para ti tanto aqui como no futuro, e em todas as coisas, casos, tempos e obras”.<sup>13</sup>

Por fim, existem relatos isolados, que permitem identificar a relevância existencial que tais descobertas bíblicas propiciaram ao próprio autor, tal como ele mesmo descreve:

“Eu mesmo me ofendi mais que uma vez até a profundidade e o abismo do desespero, de sorte que desejei jamais ter sido criado como ser humano antes que soubesse quão salutar aquele desespero seria, e quão próximo

---

11 *ibid.*, p. 99-100.

12 *Ibid.*, p. 169.

13 *Ibid.*, p. 146.

da graça”.<sup>14</sup>

Quanto a mim, confesso abertamente: se fosse possível, não gostaria que me fosse concedido o livre-arbítrio ou que me fosse colocado na mão alguma coisa com a qual poderia esforçar-me pela salvação... Não obstante me veria obrigado a debater-me em constante incerteza e a dar golpes no ar. Pois em qualquer obra feita permaneceria a dúvida se ela agrada a Deus ou se exige algo mais... Agora, porém, que Deus tirou minha salvação do meu arbítrio e a incluiu no seu, estou seguro e certo de que ele é fiel e que não me mentirá... Então também estamos certos e seguros de que agradamos a Deus, não pelo mérito de nossa obra, mas pelo favor da misericórdia que nos é prometida...”<sup>15</sup>

Diante de todas essas afirmações, cremos que exatamente as perguntas feitas no início deste terceiro capítulo é que permitirão o aprofundamento poimênico desta pesquisa. Em nossa opinião, se nos atentarmos para determinadas questões que estão envolvidas nesta reflexão existencial, certamente o porquê de sua importância será compreendido e as respostas naturalmente surgirão.

Desse modo, ao invés de nos aproximarmos diretamente das perguntas iniciais às quais nos propusemos responder, iremos investigar este “por que” existencial por meio de um viés indireto. De que modo isso se dará? Simplesmente pela formulação de outras perguntas que, sendo corretamente respondidas, responderão não somente a si mesmas como também àquelas e, com isso, revelarão a existência de uma significação profunda para aquele que se surpreende com a eleição divina. Quais perguntas seriam essas?

O que acontece a uma pessoa que, tendo tomado sua decisão pessoal por Jesus Cristo e caminhado há algum tempo em sua vida de fé, se depara com uma realidade dentro de si que se mostra

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 138.

<sup>15</sup> Ibid., p. 211-212.

completamente contrária àquela desejada por Deus, descobrindo que é no âmago de sua vontade que o seu eu pecador ainda se revela mais vivo e ativo? O que advém àqueles que percebem que suas melhores obras são marcadas pelo pecado pois, “vistas *coram deo* [diante de Deus], nossas virtudes não são melhores que nossos vícios”?<sup>16</sup>

O que acontece a uma pessoa que, como Oswald Bayer salienta ao parafrasear Sigmund Freud, descobre que “o eu não seria senhor em sua própria casa”?<sup>17</sup> O que fazer em relação àqueles que percebem que “no mais íntimo, no coração do ser humano, no centro de sua vontade, na fonte dos afetos, o ser humano não é livre”?<sup>18</sup>

Como agir com os que existencialmente constatarem: “É verdade que o ser humano não é livre para não pecar; ele não pode fazer diferente”?<sup>19</sup> Como “libertar as consciências confusas, angustiadas e melancólicas e ajudá-las a obter clareza e certeza”?<sup>20</sup> Como oferecer auxílio para os que confessam que suas “obras são forçadas, não são natureza, não são autênticas”?<sup>21</sup> Queremos perguntar como poderão ser consoladas as pessoas que se encontram em momentos de crise interior por averiguarem que a verdadeira inconstância reside exatamente dentro de si?

No trabalho poimênico, indubitavelmente surgem situações tais como estas e elas requerem uma atitude que vise promover certeza naqueles que se encontram imersos na angústia da incredulidade e

---

16 FORDE, Gerhard O. Vida Cristã. In: BRAATEN, Carl E. JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal 1995, p. 415.

17 BAYER, Oswald. *A Teologia de Martin Lutero. Uma Atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 132.

18 Oswald BAYER, p. 133.

19 Op. cit., p. 139.

20 Op. cit., p. 214.

21 IWAND, Hans Joachim. *A Justiça da Fé*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal 1981, p. 80.

insegurança. O alvo da poimênica é a certeza da salvação.

Como tais pessoas poderão ter certeza da salvação se a solução a ser oferecida estiver focalizada no eu, uma vez que é justamente este que se verifica ser problemático? Como apelar à consciência se é esta que se encontra em conflito? Como recorrer à vontade da pessoa se o foco dos problemas reside justamente ali? É exatamente sob o pressuposto da “crise” que iremos, a partir de agora, concluir esta pesquisa com uma interpretação poimênica de “Da Vontade Cativa”.<sup>22</sup>

Conforme proposta inicial, esboçaremos as propriedades poimênicas desse escrito segundo seus próprios pressupostos e afirmações.<sup>23</sup> Em todas as abordagens, a certeza da salvação é a chave hermenêutica para seu entendimento.

### 3.2 POIMÊNICA NA PERSPECTIVA DE LEI E EVANGELHO

“... Deus nos tenta para nos levar, por meio da lei, ao conhecimento de nossa impotência”;<sup>24</sup> “‘O conhecimento do pecado’, diz Paulo, ‘[vem] pela lei’ (Rm 3.20); não diz que por ela venha a abolição ou evitação do pecado”;<sup>25</sup> e; “Assim, quando vivifica, Deus o faz matando; quando justifica, o faz incriminando; quando leva ao

---

22 Parte-se do pressuposto da crise, embora não queiramos restringir a prática pastoral somente a elas.

23 Neste capítulo também serão utilizadas algumas literaturas secundárias com o intuito de auxiliar na exposição a ser feita. Como o objetivo é investigar a poimênica a partir dos pressupostos de Lutero, as obras usadas serão de cunho luterano.

24 Martinho LUTERO, op. cit., p. 87.

25 Ibid., p. 91.

céu, o faz conduzindo ao inferno...”.<sup>26</sup> Essas são as assertivas iniciais para a leitura poimênica.

É definitivamente central, em Lutero, que a função principal da lei é acusar o ser humano daquilo que ele não pode fazer, bem como mostrar que sua vontade natural é “sempre” oposta a de Deus. Assim, independentemente de todo fazer ou esforço humano a lei irá “sempre” acusar (“*lex semper accusat*”<sup>27</sup>), pois essa é a consequência inevitável que surge quando duas vontades opostas são colocadas em conflito.

Como a lei irá sempre acusar, isso significa que ela irá acusar sempre, a despeito de todo empenho, diligência ou tentativa de supressão humana. Como sempre acusará a consciência mesmo que seja aparentemente cumprida de modo externo, então esse fato demonstra que há razões outras que fazem com que isso aconteça.

Em outras palavras, essa constatação simplesmente confirma que a lei age de modo incansável e indistinto pelo fato de que ela não pode ser cumprida, ou seja, que o cumprimento por meio de sua observância externa de forma alguma é uma satisfação plena da lei. Por conseguinte, essa evidência mostra que seu cumprimento só pode estar baseado em uma qualidade diferente que o mero “fazer” jamais consegue realizar.

A poimênica necessariamente lida com situações de conflito interior, nas quais a pessoa procurada se vê obrigada a detectar os motivos geradores de tais perturbações. Qual problema comum na vida de muitos cristãos está relacionado com as afirmações anteriores? Exatamente o desespero ou sentimento de culpa que a lei

---

26 Ibid., p. 47.

27 Citação de: MELANCHTON, Felipe. Apologia da Confissão de Augsburg, Artigo IV, 35. In: SCHÜLER, Arnaldo (Tradução e notas). *Livro de Concórdia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1997.

cria em virtude das tentativas fracassadas de se cumpri-la.

O conflito surge por causa do contraste flagrante entre a concepção usual que afirma “quanto mais ação, tanto menos acusação”, e a experiência prática que comprova “quanto mais ação, tanto mais condenação”. A inquietação provém da percepção de que quanto mais se cumpre a lei, tanto mais se é condenado por ela.

Quais contribuições essas declarações oferecem para a prática de levar consolo àqueles que sofrem? Evidentemente, uma vez que a lei sempre irá acusar então se pode estender essa sua característica para o todo da vida cristã e, conseqüentemente, o fato de se sentir acusado por ela não significa que há perda da salvação ou que se está distante dela. Dessa maneira, abre-se uma possibilidade inclusiva para aquele que se encontra na angústia da incerteza, estimulando-o a um relacionamento mais íntimo com Deus.

Ao perceber que a lei sempre o acusará, o indivíduo descobre que esta continuará exercendo sua função até mesmo quando este fizer seu melhor e, com isso, passa a perceber que existe a possibilidade de salvação sem o cumprimento pessoal da mesma. Ao perceber que não pode satisfazê-la, ele a abandona como meio salvífico e, por conseguinte, o alívio na consciência é gerado porque esta passa a ser projetada para fora, para além das aflições internas.

Em segundo lugar, considerando que Deus primeiramente revela o pecado antes de salvar e que ele mesmo é quem se utiliza da forma dúplice de lei e evangelho para causar essa conscientização, segue-se que o desespero sentido sugere a própria ação de Deus. Dessa forma, há oportunidade para se promover consolo em meio à crise porque, nesses casos, ela se torna indicativo da presença de Deus, e não de sua ausência.

Há ocasião para a poimênica porque o indivíduo se torna liberto do esquema mental que afirma “sofrimento é sinônimo de

castigo ou afastamento divino”, para a experiência que confirma “angústia causada pelo conhecimento do pecado é sinal da ação e do cuidado de Deus”. Ao ser contrariado em seu senso comum, o indivíduo percebe que sob hipótese alguma está desamparado por Deus em seus momentos de dor e aflição.

Em terceiro lugar, ao constatar que a lei continua acusando, ainda que esforços e mudanças tenham ocorrido concretamente, pode-se oferecer consolo porque esse fato implica que o eu natural (aquele cuja vontade é dominada pelo pecado) não pode ser transformado. Ocorre libertação porque o indivíduo concluirá que poderá fazer obras melhores ainda que seu eu não necessariamente mude e, assim, “a progressão no sentido ético é desonerada da pressão metafísica”.<sup>28</sup> Não é mais “o santificado em si que merece atenção, mas Deus como aquele que santifica e sua palavra como meio de santificação”.<sup>29</sup>

Então, a partir do momento em que o indivíduo desiste de si mesmo por perceber que sua luta interior é impossível de ser vencida, ele passará a buscar uma nova identidade que esteja fundamentada em algo que lhe seja exterior e que garanta a certeza de sua salvação. Onde essa novidade pode ser encontrada? A próxima abordagem tratará dessa questão.

### **3.2.1 A função poimênica do evangelho**

A resposta à pergunta anterior pode se dar da seguinte maneira: na plena suficiência da pessoa e obra de Jesus Cristo, dada gratuitamente ao pecador arrependido por meio da promessa que lhe é estendida. A partir disso, podem-se tecer implicações poimênicas

---

<sup>28</sup> Oswald BAYER, op. cit., p. 212.

<sup>29</sup> Oswald BAYER, op. cit., p. 212.

que responderão às perguntas levantadas no início deste terceiro capítulo.

O que acontece com aqueles que, ao se defrontarem com uma força interna superior à sua, descobrem que não a conseguem dominar, se essa os impulsionar contra a vontade de Deus? Com aqueles que descobrem a fraqueza exatamente em seu decidir e no manter firmemente a escolha tomada? Com os que descobrem ser a sua vontade, o seu eu, que estão contra Deus? Em suma, como estes poderão ter certeza da salvação?

Segundo Lutero, nestes “a lei já concluiu seu ofício”,<sup>30</sup> e agora estão prontos para aceitar com alegria a misericórdia que lhes será oferecida, pois “essa misericórdia só é aceita com alegria e gratidão pelos aflitos e vexados pela morte”.<sup>31</sup> A misericórdia divina é aceita por ser esta a única solução em que a pessoa pode se agarrar? Sim. No entanto, poimenicamente outra interpretação é possível.

É aceita com gratidão porque, ao ser arrancada da lógica de “ordem e cumprimento”, a pessoa se depara com um Deus amoroso, que não leva em consideração seus pecados e que faz questão de enxergá-la a partir daquilo que ela já é plenamente em Cristo por meio da fé, e não por aquilo que é em sua realidade concreta.

É exultada porque “a simultaneidade de pecado e justiça como estados plenos é a situação de fato”,<sup>32</sup> e, por esse motivo, aquele esquema mental pode ser abandonado, um esquema que “leva unicamente à hipocrisia ou ao desespero. Ou o indivíduo se engana, pensando que a concupiscência realmente se foi, ou desespera, se for suficientemente honesto para admitir que não”.<sup>33</sup> É aceita com

---

30 Martinho LUTERO, op. cit., p. 100.

31 Martinho LUTERO, op. cit., p. 100.

32 Gerhard O. FORDE, *Vida Cristã*, p. 414.

33 Op. cit., p. 439.

louvor porque é aberta a possibilidade de salvação para o totalmente pecador, podendo o indivíduo encontrar liberdade para viver sua nova identidade, garantida de modo irrevogável naquilo que lhe é dado objetivamente na obra de Jesus Cristo.

O potencial poimênico das afirmações de “Da Vontade Cativa” é enorme pois, ao enfatizar a onipotência de Deus, aqueles que descobrem sua incapacidade para a salvação e que se consideram indignos de recebê-la irão se deparar com um Deus que cumpre cabalmente sua obra “no” ser humano, apesar da fragilidade deste.

Assim, o consolo será um efeito inequívoco porque a salvação não dependerá de qualidades pessoais, mas sim da suficiência da obra de Jesus Cristo. A certeza da salvação adquire uma conotação ímpar porque a própria imperfeição humana, evidenciada sobretudo em suas obras e na sua vontade, não pode determinar o afastamento ou a rejeição de Deus. O relacionamento com Deus não é quebrado mesmo quando se peca.

“Pois a vontade de Deus é eficaz e não há como impedi-la... Ora, se não se pode impedir a vontade também não se pode impedir a própria obra, isto é, não se pode impedir que aconteça no lugar, no tempo, do modo e na medida que ele mesmo sabe de antemão e quer.”<sup>34</sup>

Por que alguém encontraria consolo em tais afirmações? Unicamente pelo fato de que não pode haver condenação para aquele que crê em Jesus Cristo porque, “na fé, ele vive fora de si mesmo: em Deus – liberto de ter de buscar a sua identidade e realizar-se por si mesmo”.<sup>35</sup>

---

34 Martinho LUTERO, op. cit., p. 31.

35 Osvald BAYER, op. cit., p. 210.

Trata-se de uma mensagem libertadora porque nela é afirmado que “Deus não dá a cada qual o seu, mas ao contrário: coloca o pecado do homem sobre seu Filho e dá ao homem a justiça de seu Filho”.<sup>36</sup> É consolador porque “meu pecado não pode devorá-lo, mas é devorado no abismo de sua infinita justiça, já que ele é Deus...”.<sup>37</sup>

Obviamente, aqueles que experimentam a ambiguidade da natureza humana terão sua esperança fomentada porque, ao serem desiludidos consigo mesmos, depositarão sua confiança em um Deus que pode, consegue e quer realizar a salvação naqueles que clamam por seu auxílio, “pois Deus não pode deixar de se comiserar e auxiliar imediatamente quem reconhece sua miséria e clama [a ele]”.<sup>38</sup>

Por que a fé é despertada dessa forma nos que não creem e alimentada naqueles que são cristãos? Porque em ambos os casos a lei sempre atua com força e convence da perdição pessoal e, portanto, para as duas situações a afirmação acima significará que os pedidos de misericórdia, uma vez feitos, serão certamente atendidos ainda que as aparências demonstrem o contrário. Entretanto, após ter se reconhecido o estado pessoal de pecaminosidade, imediatamente devem ser afirmadas as promessas divinas porque, em última análise, a finalidade da lei é conduzir até Cristo.

Como responder aos olhares angustiados de quem pergunta: “O que preciso fazer para ser salvo?”. Responde-se naturalmente: absolutamente nada, porque não há mais o que ser feito! “E por quê?” Tão somente porque o auxílio prestado por Deus não está fundamentado em algo a se fazer, mas em algo que só pode ser crido

---

36 Hans Joachim IWAND, op. cit., p. 95.

37 Hans Joachim IWAND, op. cit., p. 103.

38 Martinho LUTERO, op. cit., p. 94.

pelo fato de que aquilo que precisava ser feito já foi plenamente cumprido por e em Cristo Jesus.

Agora, só há possibilidade de se viver esta nova realidade a partir da fé, que aceita prontamente a nova identidade imputada pela justiça de Cristo. Como bem salientado por Lutero, essa nova forma de viver é baseada na humildade, uma vez que o efeito produzido pela ação da lei e do evangelho o impede de atribuir a si mesmo uma justiça própria naquilo que concerne à sua salvação.

Contudo, ao viver essa nova identidade, o indivíduo se depara com a tensão existente entre o caráter revelado das promessas, que asseguram o cumprimento daquilo que fora anunciado, e a contradição empírica demonstrada tanto pelos eventos históricos quanto pelo caráter subjetivo de sua razão e sentimentos.

### **3.2.2 Poimênica entre a tensão da promessa revelada e a vontade abscondita de Deus**

“...A fé tem a ver com coisas que não se veem. Por conseguinte, para que haja lugar para a fé, é necessário que todas as coisas que se creem sejam absconditas. Ora, não podem estar mais remotamente absconditas do que se estão sob o contrário do que se tem à vista, se percebe e experimenta”.<sup>39</sup>

Qual a implicação poimênica direta dessas afirmativas? Que pelo fato de a fé não se basear naquilo que se comprova empiricamente, logo ela conviverá de modo contínuo com realidades antagônicas que não a excluirão. No entanto, estas gerarão crises por ressaltarem aspectos contrários entre o conteúdo das promessas e a evidência averiguada tanto na realidade externa quanto na experiência subjetiva dos pensamentos e emoções.

---

39 Martinho LUTERO, op. cit., p. 47.

Em outros termos, pode haver certeza da fé e da salvação ainda que a consciência queira se convencer do contrário, pois “o veredito de Deus vale, vale também contra o próprio coração e a própria consciência”.<sup>40</sup> A vida de fé torna-se simultaneamente um crer contra si mesmo e um apostar a favor de Deus; um crer contra as ilusões incrédulas que a razão e os sentimentos impõem e uma entrega completa aos desígnios de Deus; uma negação do eu e uma afirmação da promessa, dirigida ao eu.

Dessa maneira, aqueles que são propensos a pensar que não são cristãos pelo fato de terem dúvidas quanto à vida de fé, poderão encontrar alívio para suas crises existenciais porque descobrirão que a fé coexiste sob seu viés contrário, ou seja, a dúvida. Ao perceber-se que a dúvida é parte integrante da “luz da graça”,<sup>41</sup> sentimentos de culpa e autocondenação poderão ser superados.

Assim como a lei deixa de causar sofrimento quando a pessoa perde a esperança de cumpri-la, e desse modo aceita a graça oferecida, igualmente a dúvida deixa de exercer sua influência quando o indivíduo a aceita e, com isso, passa a crer no conteúdo das promessas. Entretanto, como o alvo da poimênica é a certeza da salvação, a promessa deverá sempre ser reafirmada após as dúvidas assim como o evangelho deve ser enfatizado continuamente depois do uso da lei.

Por fim, também os eventos históricos do mundo irão contradizer o conteúdo das promessas e, por esse motivo, a vida cristã será marcada por uma fé que crê contra as evidências externas. As implicações poimênicas dessa constatação têm grande repercussão porque, em último caso, o cristão descobrirá que não é obrigado a

---

40 Hans Joachim IWAND, *A Justiça da Fé*, p. 103.

41 Martinho LUTERO, op. cit., p. 214.

compreender todas as coisas e, assim sendo, ver-se-á livre da tentação de ter que explicar todas elas.

Por um lado, o cristão é colocado no mesmo patamar que não-cristãos, pois “também os crentes caem de volta para o mesmo nível que as pessoas descrentes em relação ao problema da teodiceia”.<sup>42</sup> Por outro, o âmago de sua presunçosa autossuficiência é atingido porque percebe que ainda existe uma vontade abscôndita em Deus, a qual não lhe é permitida perscrutar.

Finalmente, é a partir da compreensão poimênica da eleição divina que as perguntas propostas na introdução desta pesquisa adquirem suas devidas respostas.

### 3.2.3 A função poimênica da eleição divina

A articulação bíblico-teológica da eleição e presciência divina tem relevância poimênica porque a libertação que ela sugere não se dá somente no âmbito das obras, mas paralelamente à condição profunda da natureza humana, ou seja, no centro de sua vontade.

“Da Vontade Cativa” indica que o agir de Deus não acontece somente no evento objetivo da obra salvífica de Jesus Cristo, ocorrida no passado, mas, ao mesmo tempo, na realidade atual e subjetiva do ser humano ao conceder a este uma nova vontade que lhe permite crer naquele evento objetivo. Por conseguinte, Deus age tanto externa quanto internamente e, por isso, “opera tudo em todos” (1Co 12.6), “tanto o querer como o realizar” (Fp 2.13).

O que se poderia falar especificamente acerca da aplicação poimênica da eleição e presciência divina? Certamente, ao perceber a inconstância de sua vontade, o indivíduo pode se apegar à vontade

---

41 Claus SCHWAMBACH, op. cit., p. 51.

de Deus e, por consequência, entregar-se plenamente ao arbítrio divino, que é imutável e só pode ser bom segundo aquilo que a Escritura promete.

Em poucas palavras, é crer na boa vontade de Deus mesmo quando se tem dúvidas em relação a ela. O problema não está na eleição e presciência divinas, mas no “eu” que busca fundamentar suas forças em si mesmo, em sua decisão, por temer o arbítrio divino. O problema surge quando se quer “sintetizar o ato da justificação com o progresso humano sob a lei”,<sup>43</sup> pois “se a justificação significa aperfeiçoamento e a graça é o poder para se aperfeiçoar, justificação pela graça é, afinal, potencialmente, uma notícia ruim para os pecadores... Tudo dependerá do que se espera que o pecador faça”.<sup>44</sup>

Existe utilidade poimênica porque a própria marca distintiva dos eleitos é identificada: a fé que é precedida pelo conflito.<sup>45</sup> O conflito<sup>46</sup> é o sinal dos eleitos porque os condenados permanecem indiferentes durante toda sua vida, já que a lei não age internamente neles. São justamente os eleitos que sofrem de angústias existenciais em relação à sua salvação; estes é que clamam por misericórdia, consideram-se indignos desta e, por esse motivo, podem tomar consciência de sua eleição.

Neste ponto, as perguntas que introduziram a pesquisa<sup>47</sup> finalmente vislumbram suas respostas a partir da poimênica.

“Como posso ter certeza da minha salvação se não sou eu quem escolho ter uma vida com Jesus, mas... é Deus quem me

---

43 Gerhard O. FORDE, *Vida Cristã*, p. 412.

44 *Ibid.*, p. 412-413.

45 Neste sentido, entenda-se “conflito” como reconhecimento do pecado.

46 Novamente, leia-se conflito “e” fé, embora o conflito possa estar desvinculado desta quando o eleito ainda não tomou conhecimento do evangelho.

47 Bem como outras decorrentes a partir delas.

escolhe para ser salvo?”. Exatamente por causa da eleição de Deus é que se pode ter certeza da salvação porque somente ele pode nos livrar do pecado e conduzir seguramente até ela, uma vez que não há nada que possa impedi-lo de cumprir aquilo que promete.

“Como então posso saber que sou um eleito de Deus se é somente ele quem escolhe aqueles que irão herdar a vida eterna?” Somente os eleitos, assim como você, perguntam-se a respeito de sua própria salvação e passam por crises e angústias pessoais em relação a ela.

“Mas me considero indigno de ser um deles... Não mereço herdar a vida eterna...”. Ninguém entra na vida eterna por merecê-la porque a decisão de Deus não está baseada em nossos méritos ou virtudes, mas sim na suficiência da obra de Jesus Cristo e pelo fato de ele mesmo ter nos escolhido.

“E o que acontece comigo se eu ‘cair’ da fé?”. Deus permanece de pé para poder levantar você. “Se tudo está nas mãos de Deus, o que me garante que hoje ele tenha me escolhido para a salvação e amanhã decida o contrário?” As escolhas de Deus são irrevogáveis porque ele age em favor de sua própria vontade e não a partir de nossas obras.

“O que garante que minha fé é verdadeira e irá me salvar?”; “Qual garantia posso ter da minha salvação pessoal?”; “Afinal, pode haver certeza da salvação?” Enfim, pode haver certeza da salvação porque as crises pelas quais passamos não anulam nossa fé, pois ela está fundamentada naquilo que Deus promete e não naquilo que sentimos ou pensamos.

“Contudo, lembro-me de tê-lo aceito como meu Senhor e Salvador. Sendo assim, essa decisão partiu da minha vontade...”. A onipotência de Deus é que incluiu e modificou nossa vontade de tal forma que o aceitamos como Senhor e Salvador de nossas vidas.

“Uma vez que Deus age dessa maneira, não estaria sendo ele injusto por não dar as mesmas condições para todos?”; “A propósito, se tudo depende unicamente de Deus, porque ele dá a fé para alguns e a outros não?”; “Seria o Criador de todas as coisas e Pai daqueles que creem em Jesus Cristo arbitrário em suas decisões?”. Quanto a isso, infelizmente não podemos nos pronunciar porque ainda existe uma vontade abscondita que faz com que Deus não nos permita descobrir qual critério usa para nos eleger.

Em resumo, a eleição de Deus tem aplicação poimênica porque propõe uma mudança de paradigma que parte daquilo que temos de fazer segundo nossa consciência, para aquilo que Deus está realizando segundo o seu próprio arbítrio. Reorienta a perspectiva cristã a partir daquilo que somos incapazes de fazer em relação a Deus, para aquilo que ele está operando sem impedimentos em nós. Tendo-se em mente essas considerações, a eleição divina se torna existencialmente relevante e deixa de ser mero verbalismo.

Antes de concluirmos a pesquisa, faremos breves apontamentos sobre a relação da poimênica com as coisas superiores e inferiores.

### **3.2.4 O agir cristão nas coisas inferiores e a poimênica**

“Se Deus fez tudo para nós, então a questão real é se e por que, afinal, há ainda algo por fazer”.<sup>48</sup> Essa é a última questão que invariavelmente surge quando se pesquisa a sério “Da Vontade Cativa”, e o desafio consiste em responder satisfatoriamente a essa pergunta sem com que, no entanto, a teologia da obra pesquisada seja contrariada. Conforme se comprovou, a solução se encontra nas

---

48 Gerhard O. FORDE, *Vida Cristã*, p. 402.

distinções feitas pelo seu próprio autor.<sup>49</sup>

Embora no âmbito das coisas inferiores também existam condicionamentos que limitem o agir pessoal, nele o ser humano pode exercer sua liberdade em favor do mundo e do próximo e, com isso, torna-se responsável por seus atos e comportamentos. Como não pode contribuir para sua salvação porque a obra de Jesus Cristo é perfeita, então o indivíduo pode se voltar completamente para a esfera deste mundo. Ao se tornar isento da preocupação com sua salvação em virtude das implicações poimênicas analisadas, o ser humano é livre para praticar todas as boas obras possíveis no âmbito da criação.

Pressupor acomodação por causa da eleição divina certamente não seria uma conclusão cristã. “Isso significa que, se a doutrina da vontade cativa acaba redundando em passividade e acomodação, ela está sendo mal-compreendida”.<sup>50</sup>

Portanto, o questionamento final é: em relação a que as obras humanas contribuem? Contribuem para o bem-estar, a ordem e a convivência humana que se dá dentro do mundo, e não fora dele. A própria santificação nada tem a ver com a busca por obras espirituais que promovam o eu, mas sempre com algo que está relacionado ao outro, e não a nós. Sim, a verdadeira santificação é excêntrica!

“A questão é que seguir os mandamentos de Deus nos introduzirá no mundo do próximo em serviço e amor, e não no mundo das obras ‘religiosas’ autoescolhidas e autopromovedoras... Viver segundo os mandamentos de Deus ‘na carne’ é o oposto da procura por santidade empreendida pelo próprio indivíduo... Devido à promessa dada à fé, somos enviados para dentro deste mundo respeitando a autoridade que

---

49 Sugerimos que se leia o item 2.5: Livre-arbítrio entre coisas superiores e inferiores, com atenção especial a nota nº 85.

50 Claus SCHWAMBACH, p. 40.

Deus estabeleceu ali sob a lei. O objetivo não é obtermos nossa própria santidade ou trazermos o Reino pela força ou tirania, mas cuidarmos das criaturas e da criação de Deus. *A criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus* (Rm 8.19)”.<sup>51</sup>

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- \_\_\_\_\_. *A Vida de Martin Lutero*. 3. ed. Blumenau: Editora Otto Kuhr 2005.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *O Livre-Arbítrio*. 4. ed. São Paulo: Paulus 2004.
- BAYER, Oswald. *A Teologia de Martin Lutero*. São Leopoldo: Sinodal 2007.
- BRAATEN, Carl E. JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. Volume 2. São Leopoldo: Sinodal 1995.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova 1988.
- CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. *Estrutura e Apresentação de Projetos e Trabalhos Acadêmicos, Dissertações e Teses*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto 2007.
- IWAND, Hans Joachim. *A Justiça da Fé*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal 1981.
- LAU, Franz. *Lutero*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal 1982.
- LIENHARD, Marc. *Martin Lutero: Tempo, Vida e Mensagem*. 1. ed. São Leopoldo, Sinodal 1998.
- LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: *Obras Seleccionadas*. Vol. IV: Debates e Controvérsias, II. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1993.
- LUTERO, Martinho. “Das Boas Obras”. In: *Obras Seleccionadas*. Vol. II: O Programa da Reforma / Escritos de 1520. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 2000.
- LUTERO, Martinho. “O Debate de Heidelberg”. In: *Obras Seleccionadas*. Vol. I: Os Primórdios / Escritos de 1517 a 1519. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra 2004.
- LUTERO, Martinho. “Debate do Reverendo Senhor Dr. Martin Lutero Acerca do Homem”. In: *Obras Seleccionadas*. Vol. III: Debates e Controvérsias, I. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1992, p. 195-196.
- LUTERO, Martinho. “Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências”. In: *Obras Seleccionadas*. Vol. I: Os Primórdios / Escritos de 1517 a 1519. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra 2004.
- LUTERO, Martinho. “Debate sobre a Teologia Escolástica”. In: *Obras*

---

51 Gerhard O FORDE, *Vida Cristã*, p. 458, 462 e 472.

- Selecionadas*. Vol. I: Os Primórdios / Escritos de 1517 a 1519. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra 2004.
- LUTERO, Martinho. “Sermão sobre as Duas Espécies de Justiça”. In: *Obras Selecionadas*. Vol. I: Os Primórdios / Escritos de 1517 a 1519. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra 2004.
  - POND, Clifford. *Nascido Escravo*. 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel 1992.
  - ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da Loucura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint.
  - ROTTERDAM, Erasmus von. *Vom Freien Willen*. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1969.
  - RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus 2005.
  - SCHÜLER, Arnaldo (Tradução e notas). *Livro de Concórdia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1997.
  - SCHWAMBACH, Claus. *Evangelização no Horizonte da Vontade Cativa – Desafios da Antropologia da Reforma Protestante*. São Bento do Sul 2009 (material no prelo).